

personagem

BIOQUÍMICA MARIANA BORONI CONTA COMO DESCOBERTA DE UM LINFOMA DE HODGKIN, AOS 13 ANOS, MOLDOU SUA CARREIRA

“Meu diagnóstico influenciou minha escolha profissional”



A bioquímica e pesquisadora do INCA Mariana Boroni tinha apenas 13 anos quando, em 1998, foi diagnosticada com linfoma de Hodgkin, um tipo de câncer do sistema linfático. Cerca de um mês antes, havia perdido o avô materno, que não resistiu a um tumor no pulmão. Em 2000, também se despediu da avó paterna, vítima da mesma doença. Foram perdas profundas, segundo ela, vividas enquanto enfrentava o próprio tratamento, que durou dois anos e deixou marcas e aprendizados que definiriam seu futuro. “Eu sempre dizia que queria ser pesquisadora e trabalhar na área de oncologia. O meu diagnóstico influenciou totalmente a minha escolha profissional”, diz ela, hoje aos 40 anos.

Mariana viveu em São Pedro dos Ferros (MG) até a descoberta da enfermidade. Para dar início ao tratamento em Belo Horizonte, mudou-se com a família para João Monlevade, a aproximadamente 110 km da capital mineira. Uma vez por semana, ela pegava um ônibus para fazer as sessões de químio e de radioterapia no Hospital Felício Rocho, que atende pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

“Fui tratada por uma equipe maravilhosa, coordenada pelo dr. Roberto Carlos Duarte, que me acolheu com muito carinho e cuidou de mim. Eu até tinha plano de saúde, mas a regulamentação na época não exigia que as operadoras pagassem meu tratamento, e meus pais não tinham condições financeiras de arcar com os custos. Então, tudo foi feito pelo SUS”, lembra.

PRIMEIROS SINTOMAS

Febre, cansaço e desânimo foram os primeiros sinais da doença. Mas, para Mariana, eles pareciam inofensivos. “Na época, a atenção, principalmente da minha mãe, estava muito voltada para o meu avô. Ela estava cuidando dele, que seguia em tratamento paliativo no hospital, e eu ficava mais com uma tia.”

E foi justamente essa tia que, um dia, notou um gânglio aumentado no pescoço de Mariana, dando início à investigação que levaria ao diagnóstico. “Acabei não respondendo bem ao primeiro plano de quimioterapia. Tive uma recidiva, e o segundo ano foi muito intenso.

Fui submetida a uma químio provavelmente à base de platina. Ficava muito enfraquecida por causa dos efeitos colaterais, como vômitos. Isso me atrapalhou muito na escola. Também perdi todo

o cabelo, o que foi bem difícil para mim, porque estava no início da puberdade. Sendo mulher, era algo que fazia eu me sentir muito mal. Acabei cursando o segundo ano pela metade”, relata. Ela fez parte do período letivo em casa, com o apoio de professores e familiares.

Naquela época, Mariana recorda que falar em câncer ainda era tabu, e os pais evitaram usar o termo. “Só descobri o que eu tinha quando, assistindo ao *Jornal Nacional*, a Fátima Bernardes [apresentadora do telejornal da TV Globo à época] informou que cientistas tinham descoberto uma vacina para um tipo de tumor, o linfoma de Hodgkin. Foi nesse contexto que conectei o nome da minha doença à palavra câncer. Certamente isso mexeu muito comigo e com a minha vontade de fazer alguma diferença em relação ao conhecimento científico”, afirma.

DA DESILUSÃO À RESILIÊNCIA

As lembranças mais fortes desse período são duras. “Quando eu recebi a notícia de que o primeiro ano de quimioterapia não tinha dado certo, por vários momentos cheguei a dizer para os meus pais que, se eu não respondesse à segunda tentativa, não queria insistir mais”, recorda.

Diante do seu desespero, ela recebeu uma rede de apoio fundamental. “Foi um momento de muita en-

“Ficava muito enfraquecida por causa dos efeitos colaterais [da quimioterapia], como vômitos. Isso me atrapalhou muito na escola. Também perdi todo o cabelo, o que foi bem difícil para mim, porque estava no início da puberdade”



trega dos meus familiares. O lado espiritual também foi importante. Meus pais são bastante católicos, devotos de Nossa Senhora Aparecida. Então, a fé esteve presente em toda a minha jornada”, diz.

Após o término do tratamento, Mariana fez seguimento durante 10 anos, até 2010. “Tem 15 anos que faço acompanhamento para câncer de mama, pois, como me submeti à radioterapia, existe uma chance aumentada de ter esse tipo de tumor”, explica.

VIVÊNCIA E PESQUISA

Paralelamente aos primeiros anos do controle oncológico e impactada com as experiências vividas, Mariana decidiu seguir carreira na área da saúde. Em 2003, se mudou para Belo Horizonte para fazer pré-vestibular e passou para Medicina na Universidade Federal de Minas Gerais, mas ficou na lista de espera e só ingressaria se houvesse desistência; para Ciências Médicas em uma instituição privada de Belo

Horizonte e para Bioquímica na Universidade Federal de Viçosa. Uma vez que os pais não tinham condições financeiras de pagar a faculdade particular, ela escolheu a terceira opção. “Como sabia que queria trabalhar com pesquisa, entendi naquele momento que seguir esse caminho era uma forma de conseguir chegar aonde eu queria.”

No INCA, Mariana atua com bioinformática aplicada à oncologia, analisando grandes volumes de dados moleculares para desenvolver terapias personalizadas e apoiar a medicina de precisão. A experiência com a doença na adolescência moldou não só a carreira, mas também seu olhar científico.

“Tento trazer para a minha pesquisa a vivência que tive. Acho que isso direciona minhas perguntas e minha motivação. Desde pequena, sempre tive aptidão e curiosidade por computador, tecnologia e programação. Trabalhar com isso no ramo da oncologia foi uma porta gigante que se abriu.”

RECONHECIMENTO

Em 2025, Mariana foi eleita membro afiliada da Academia Brasileira de Ciências. Na ocasião, cinco jovens e destacados cientistas foram diplomados e apresentaram suas pesquisas. Um reconhecimento que, segundo ela, veio carregado de responsabilidade. “Fiquei extremamente honrada, feliz, grata, orgulhosa e, ao mesmo tempo, impactada pela grande missão e pelo compromisso com a sociedade”, relata.

Em um campo ainda dominado por homens, ela celebra o espaço conquistado. “Hoje, no meu laboratório, tem mais mulheres ou pessoas da comunidade LGBTQIA+ do que homens cis [cisgêneros, ou seja, que se identificam com seu sexo biológico]. Ser uma mulher que trabalha em uma área majoritariamente dominada por eles é um baita orgulho”, avalia.



“Acho que hoje em dia meu maior sonho é ver que alguma descoberta do nosso laboratório será aplicada na clínica oncológica (...). Pensar no impacto da minha pesquisa na vida de outras pessoas é o que mais me motiva”

TRATAMENTOS “CURATIVOS”

O grande objetivo de Mariana, em suas próprias palavras, é fazer diferença na vida da população por meio de seus estudos. No dia a dia, está sempre atrás de novas possibilidades de diagnóstico e tratamento, com a intenção de tornar o cuidado cada vez mais individualizado e eficaz.

“Acho que hoje em dia meu maior sonho é ver que alguma descoberta do nosso laboratório será aplicada na clínica oncológica. Será lindo, uma grande conquista. Pensar no impacto da minha pesquisa na vida de outras pessoas é o que mais me motiva. Se eu conseguir melhorar as condições do tratamento ou favorecer o diagnóstico mais precoce, enfim, qualquer atividade pensando no manejo do paciente, vou ficar extremamente feliz e realizada.”

Outro desejo da pesquisadora é que, independentemente da extensão do câncer, todos os casos detectados sejam curáveis. “Hoje, tumores que são diagnosticados em estadiamentos iniciais têm grandes chances de cura. O problema é quando são descobertos em estágios mais avançados. Aí, as possibilidades caem drasticamente, dependendo do tipo tumoral. Então, meu sonho é que todos os tratamentos sejam ‘curativos’. Não é só pela questão da incerteza, que já é, por si só, um momento de dor muito grande, mas também pelos efeitos colaterais, que tendem a ser bem difíceis de lidar”, pontua.



Além de apaixonada pela ciência, Mariana gosta de desbravar o mundo e fazer esportes, como corrida e surfe. Ela ainda deseja exercer um novo papel: o de mãe. “Sou solteira e tenho vontade de ter filho. Mas descobri este ano uma falência ovariana precoce, muito provavelmente em decorrência da quimioterapia, ou seja, estou na menopausa. Dessa forma, a maternidade terá que vir por meio da ovodoação [doação de gametas femininos a banco de óvulos para uso em técnica de reprodução assistida] ou da adoção”, revela. Será mais um aprendizado, desta vez para a vida pessoal. ■

